

Eleição estimula voto útil, diz economista

Rio – O sistema brasileiro de eleições em dois turnos estimula o voto útil e faz com que os eleitores percam mais tempo tentando imaginar como os outros vão votar do que analisando os candidatos para formar suas próprias preferências. A avaliação é do economista norte-americano Eric Maskin, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 2007, que apresentou sua pesquisa sobre sistemas eleitorais na Escola Brasileira de Economia e Finanças da Fundação Getúlio Vargas, no Rio, na segunda-feira. Para

o professor das universidades de Harvard e Princeton, o sistema atual faz a experiência do voto difícil e incômoda para a maioria dos eleitores. Ele sugere a adoção de modelos que permitam o voto em mais de um candidato.

Maskin analisou os principais sistemas de votação no mundo para apontar fragilidades quanto à capacidade de um governante ser escolhido com a expressão mais fiel possível da preferência da maioria. O sistema brasileiro, que ele aponta como similar

ao da França, teria como princípio a formação de maioria absoluta, evitando a vitória de um presidente com votação menor do que a soma dos outros candidatos. Na prática, o economista observa que a possibilidade de um concorrente que desagrada ao eleitor chegar ao segundo turno pode mudar a decisão. É o chamado voto útil, em que um cidadão deixa de lado sua preferência para votar em outro candidato e evitar o que pensa ser um mal maior.

Para Maskin, o sistema bra-

sileiro incentiva as pessoas a votar de forma pragmática, invertendo a lógica da escolha de candidatos. Os eleitores dedicam menos tempo a conhecer os concorrentes e ouvir suas propostas para formar sua convicção, obrigados a se ocupar das chances de cada um. Precisam tentar descobrir como os outros eleitores vão votar para então decidir. Dessa forma, as pesquisas de intenção de voto acabam assumindo o protagonismo da campanha eleitoral, deixando as propostas em segundo plano. (AG)